

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090 .

N.º 12 — VOL. III.

Sabbado 26 de Março de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

## Summario.

**ARTIGOS:** — Historia da actualidade — Galeria historica, continuação — Uma revolução na India portugueza, continuação — A villa de Cintra — A cidade de Coimbra — A expulsão dos hollandezes do Brazil, continuação — Ruínas d'Italia — Alva Estrella, continuação — Eu e tu.  
**GRAVURAS:** — Harold — Brasões d'armas da villa de Cintra, e da cidade de Coimbra — Ruínas do amphitheatro d'Italia — A cidade de Coimbra.

## Historia da actualidade.

Sua magestade mandou cunhar umas medalhas para commemorar o seu feliz consorcio, as quaes fez distribuir pelos membros do corpo legislativo, camaras do reino, e mais funcionarios.

— No dia 2 do proximo mez acaba o praso da prorogação das côrtes. Espera-se que n'esse dia sejam adiadas.

— A imprensa politica parece querer agora occupar-se do alto assumpto da instrucção publica dispondo a opinião, e ilucidando o governo sobre este objecto. O *Rei e Ordem* já principiou a dedicar-lhe as suas columnas.

— Continuam boatos de que o novo ministerio tem de soffrer brevemente alguma modificação, passando o senhor Ferreri para a guerra, o senhor Fontes para as obras publicas, o senhor Serpa para a marinha, e entrando para a pasta do reino o senhor Aguiar.

— O filho do senhor conde de Thomar foi despachado segundo addido para Washington.

— Tambem corre noticia de que o senhor conde de Thomar vae para a legação de Roma.

— Falla-se em que o senhor visconde de Paiva sae de Paris, e que para Madrid é nomeado o senhor conde da Azinhaga, em substituição do senhor Pinto Soveral.

— Continua o entusiasmo dos alistamentos voluntarios em Turim.

— Os austriacos tratam de minar a ponte de Bufalora sobre o Tessino.

— Chegou á Suissa ordem do Piemonte para se comprarem cavallos por qualquer preço que seja.

— O estado de saude do rei da Prussia não tem melhorado. Este monarcha acabava de chegar a Napoles.

— Os governos federaes declararam que os seus contingentes podem estar mobilisa-

dos dentro de quinze dias, e que todo o material de guerra estará prompto no proximo mez d'Abril.

— As ultimas gazetas estrangeiras dão a guerra como inevitavel.

— Nery Baraldi cantou pela ultima vez no nosso theatro de S. Carlos, e despediu-se do publico com uma mimosa poesia do senhor Castilho, posta em musica pelo senhor Santos Pinto.

— Em Milão e seus arredores ha um exercito austriaco de cincoenta mil homens.

— No dia 4 de Janeiro uma columna ingleza de setecentos homens, fazendo um reconhecimento a sete milhas de Cantão, foi insultada e atacada pelas povoações que percorreu. No dia 8 outra columna forte de mil seiscientos e cincoenta homens foi tirar desforra, dirigindo-se sobre Chat-Sing, e depois de resistencia conseguiu penetrar na cidadella, a qual incendiou.

— A Austria está em crise ministerial, esperando que se resolva com a saída de alguns ministros, e trocando outros as pastas em que se acham.

— Celebrou-se este anno com toda a pompa, como se costuma, no hospital de S. José, a festa do santo da sua invocação. O edificio esteve patente n'esse dia a quem o desejou visitar.

— Encontrou-se esta semana, junto á ponte de Alcantara, o cadaver d'uma mulher que se tinha suicidado. Já na semana passada houve outro suicidio na outra banda, junto á Fonte da Pipa.

— Em Matharcapady, residencia de Bombaim, principiou a publicar-se um jornal em portuguez, intitulado o *Progresso*.

— Alexandre Dumas prepara-se a embarcar em Marselha, seguindo viagem para a Grecia.

— O senhor Augusto Cesar de Lacerda está escrevendo para o Gynnasio um drama intitulado os *Filhos do trabalho*.

— O senhor visconde de Sá, depois que partiu para Santarem, tem experimentado alguns allivios no seu padecimento.

— Chegaram no paquete inglez *Jeddo* os restos mortaes da senhora condessa de Lavradio, e foram conduzidos para o cemiterio do Alto de S. João.

— Chegou no mesmo vapor o apparelho *salva-vidas*, que o senhor visconde de Sá mandara construir em Inglaterra.

— O summo pontifice determinou que se fizessem preces pela continuação da paz.

— A mulher de um carpinteiro de Brighton acaba de dar á luz quatro gemeos. Nos annos de 1850 e 1851 teve de cada parto um filho; em 1852 teve cinco; em 1854 um; em 1855 dois; e em 1857 tres. Assim em nove annos tem sido mãe de dezete filhos.

— No café concerto haverá esta quaresma bailes de mascaras na quarta-feira da serração da velha, e sabbado de alleluia.

— Os escriptores, que tratam de tirar o horror ao crime, e o atractivo á virtude, são os verdadeiros apóstolos da immoralidade dos povos; os destruidores dos saos costumes.

— A moral é o sustentaculo da liberdade: a nação, que não possuir aquella, mal poderá conservar esta.



Harold.

## Galeria historica.

Continuação.

HAROLD.

Este guerreiro, um dos mais bellos typos aventureiros de Walter Scott, nasceu no seio do paganismo. Era filho do conde Witikind, descendente de raça real, e sobre este nobre e velho guerreiro conta a egreja uma das suas mais bellas conquistas.

Desgraçados dos habitantes dos logares onde Witikind softava, ao capricho do vento, a bandeira negra, que ondulava sobre as povoações como o abutre adeja sobre o cadaver.

Ao clarão do incendio das egrejas é que o fero dinamarquez conduzia as suas tropas carregadas de raça real, e sobre este nobre e velho guerreiro conta a egreja uma das suas mais bellas conquistas.

Desgraçados dos habitantes dos logares onde Witikind softava, ao capricho do vento, a bandeira negra, que ondulava sobre as povoações como o abutre adeja sobre o cadaver.

Ao clarão do incendio das egrejas é que o fero dinamarquez conduzia as suas tropas carregadas de raça real, e sobre este nobre e velho guerreiro conta a egreja uma das suas mais bellas conquistas.

A Inglaterra seduzia-o com as suas riquezas. A Inglaterra era desde muito tempo o sonho do auzar pirata, cuja ambição não conhecia limites.

Tendo conseguido reunir um exercito maior, pouco antes de prégada a primeira cruzada, em 1093 a 94, Witikind mettu proa ás costas de Inglaterra, que em breve avistou no horizonte aquellas galeras de sinistro aspecto, que lhe levavam a morte, o roubo e a desesperação.

Tres dos mais esforçados barões marcharam á frente de aguerridas tropas a empecer-lhe o desembarque: todos tres, com a flor dos seus cavalleiros, ficaram aniquilados nos desfiladeiros e gargantas em que o temivel inimigo soube manter-se, á frente dos seus, para proteger o desembarque do resto dos saqueados.

Tendo saqueado quasi toda a margem do Humber, Witikind levou a guerra e a desolação ao opulento Northumberland. Os habitantes correram ás armas, e intentaram fortificar-se.

Northumberland era então governado por um rei saxonio, velho e experiente, que, de accordo com o clero, determinou, em vez de oppor inutil resistencia ás armas aventureiras do pirata, mandar emissarios a comprimental-o, levando-lhe ricos presentes como prova da consideração em que era tido pelo seu distincto nascimento.

A quatro ou cinco dias de marcha do porto de suas ambiciosas vistas, recebeu Witikind os emissarios do rei saxonio, que de tal modo souberam com elle haver-se, que conseguiram captar-lhe a sympathia.

Foi então que os padres principiaram a trabalhar para chamal-o ao seio da egreja; não sabemos se os movia o zelo da religião, ou os obrigava o temor que o fero dinamarquez lhes inspirava.

Um anno depois o conde de Witikind recebia consideraveis dominios, e accitava o pacifico titulo de vassallo e feudatario da Grã-Bretanha.

Um dos padres que mais influíu na conversão de Witikind foi o bispo de S. Cuthbert, propondo-lhe sabiamente a questão sem esquecer satisfazer-lhe as ambições. O prudente prelado quasi lhe comprou a alma pelos vastos dominios, que, em nome do rei, lhe offereceu nas margens do Wear.

Witikind estava cansado: os seus principaes saqueados, uns estavam velhos e estropeados; outros tinham perecido das feridas adquiridas nos diferentes combates que sustentaram até chegarem a Northumberland. A proposta offerecia-lhe tantas e tão reconhecidas vantagens, que recusal-as seria sem duvida expor-se a uma vellice pouco respeitada, porque os seus inimigos aproveitariam de certo esse periodo para o baterem: assim mesmo, porém, Witikind parecia hesitar em abraçar a religião christã. O clero valeu-se de Hilda, favorita do conde. Hilda completou a obra começada, e o conde, abandonando o paganismo, abraçou a cruz do Redemptor que cedo lhe seria collocada sobre a sepultura.

A cathedral de Durham tornou-se celebre pelo acto da conversão de Witikind. Aquella conquista da egreja foi solemnemente celebrada pelo bispo de S. Cuthbert, que pela sua mão lançou a agua

do baptismo sobre a cabeça do velho guerreiro do paganismo.

Finda a cerimonia religiosa, o clero devia acompanhar o novo christão para lhe dar posse do seu principal castello, situado nas viçosas e opulentas margens do Wear, onde os aguardava magnifico festim, preparado á custa do velho neophito.

Já por effeito de surdas machinações, já pela indole selvagem que caracterisava a raça originaria d'aquella familia, Harold, filho de Witikind, não approvou a conversão de seu pae.

Harold, de quem especialmente vamos occupar-nos, tinha então dezeseite annos. O primeiro acto da sua vida publica foi tal, que para logo o caracterisou energicamente.

Coiberto com a sua couroça, d'elmo na cabeça, armado do destruidor machado, que seu pae abandonara pela espada da cruz, do carcaz cheio de agudas frechas, e do flexivel arco, o joven Harold esperou o cortejo no portico do castello, tendo sobre o hombro direito uma loba morta com tiro de frecha, e no braço as crias da fera.

Logo que Witikind appareceu, Harold, com o olhar incendiado, estendeu a mão esquerda e bradou imperiosamente para que o escutassem.

O cortejo parou.

Witikind estremeceu, e fallando-lhe brandamente, obteve a seguinte resposta, pronunciada com a expressão do mais profundo despreso.

«Quem é o hypocrita escravo da egreja que me falla? que me lança olhar humilde, e curva a aviltada fronte como procurando, qual miseravel noviço, os meios de illudir seus votos? Não é meu pae! Não é Witikind, o pirata audaz e intrepido, terror dos mares e da terra! o orgulhoso esposo da intrepida Gunhilda, cujo coração mereceu por tantos, tão nobres e nunca desmentidos feitos de inaudito heroismo! o valente que se apoderou do riquissimo calix da cathedral de S. Pedro, para mandar fazer os braceletes que deviam ornar minha mão no dia do seu noivado! o athletta que esmagava, sobre a pedra d'Odina, o cráneo do bufalo selvagem, com um simples murro do seu guante d'aço! Oh! n'esse tempo, era o teu culto o rito do deus da guerra! Hoje, quem és tu? Enfraquecido pela idade, e já ás portas do tumulo, julgas porventura remir-te dos teus crimes murmurando orações de creança, diante dos padres; trocando a tua cota de malha pelo cilicio, e soffrendo a disciplina e o jejum? ou queres, qual velho leão que procura o fundo dos abysmos, apodrecer o coração no vergonhoso ocio que nunca conheste?! Vergonha eterna a Witikind! As harmoniosas harpas dos nossos menestres hão de recusar á tua memoria um hymno glorioso como teu filho te recusa o nome de pae!»

A estas palavras, Witikind sentiu inflamar-se-lhe o sangue; mas a presença do bispo e do clero conteve-lhe a colera.

Harold avançou intrepidamente alguns passos e bradou:

«Fere-me! fere-me sem remorso, que tenho vergonha de ser teu filho! Embalaste a minha infancia sobre o teu escudo de guerra, e molhaste as minhas mãos, ainda no berço, com o sangue dos teus inimigos, trazido na ponta da tua lança, e na lamina da tua espada. Sou o que me fez meu pae, e honro mais do que tu a memoria dos nossos antepassados!»

«Padres que me escentres, não acrediteis na vossa conquista! Witikind vende a peso de oiro a creença de seus maiores! vende-a assim para adquirir essas riquezas que o seu braço já cansado não pode conquistar brandindo o machado! Eu, porém, voltarei breve: e este machado, perante o qual tremeu a França e a Inglaterra, hade voltar nas mãos de Harold!»

Dizendo isto, Harold arrojou aos pés de seu pae a loba morta, que tinha sobre os hombros, exclamando:

«Witikind! quando esta loba, que matei na floresta, se levantar para dar de mamar ás suas crias, Harold tornará a ver a face de seu pae!»

Harold, acabando de pronunciar estas palavras, desapareceu velozmente por entre o cortejo: derribou um dos pagens, saltou sobre o cavallo, e embrenhou-se na floresta, brandindo o terrivel machado.

Este passo de Harold pouco influíu no espirito de Witikind, a quem os padres com salutaes practicas souberam apaziguar.

Harold seguiu o seu destino. Era noite: o ruido do banquete diminuiu, e o somno viera enfim apoderar-se dos alegres convivas. Só uma pessoa parecia inquieta pela desaparição de Harold: era Gunnar, seu pagem e seu collaço.

Gunnar, que a chronica ligou ao famoso aventureiro, representou na historia da sua vida intima um papel interessantissimo e digno dos fastos da civilisação. Parece que a Providencia predestinara aquella debil creatura para, por assim dizer, temperar e adoçar o irascivel e indomito character de Harold.

Gunnar pensou no seu quasi irmão, que d'aquelle momento em diante ficava sem amigos, sem protecção, nem tecto hospitaleiro, e determinou segui-lo.

A tempestade ameaçada o imprudente que ouzasse abandonar a guarida. O pagem, porém, não desanimou. Corre á sala do festim, escuta, e entra. Todos dormiam. Aproxima-se do bispo, e corta-lhe com rapidez a magnifica e recheada bolsa que lhe pendia do cinto; tira dos hombros do enviado do rei a bella capa forrada de pelles de marta, e, aproximando-se de Witikind, apodera-se das chaves do castello. Depois, desce á estribaria, monta no melhor cavallo, abre o postigo da fortaleza, e desaparece, como um phantasma, ao momentaneo clarão dos relampagos.

O primeiro periodo da vida de Harold finaliza aqui.

Em pouco tempo o seu nome eccoou em toda a Inglaterra, despertando ainda mais terror que o do fero Witikind causara em França.

O seu exercito compunha-se de bandidos de todas as nações, vestidos de pelles de animaes ferozes, sem Deus, sem patria e sem outro sentimento além da ambição.

Não era, porém, a ambição que mais caracterisava o filho de Witikind. Notava-se n'elle o amor da gloria, e foi sem duvida d'este louvavel sentimento que a egreja conseguiu tirar partido.

I regava-se por esse tempo a primeira cruzada: o occidente quasi todo envergava as armas contra o oriente, sonhado thesouro de inesgotaveis riquezas.

A cubia dos povos era aproveitada pela egreja para o justo fim da restauração da cruz. A voz dos prelados levantava-se essa famosa cruzada que tão grande nome havia de dar a Balduino e outros que, como elle, foram vivos baluartes do santo sepulchro.

Harold escutou o grito que chamava ao oriente os povos do occidente: semelhante á aguia que olha com avidez para o espaço, Harold quiz encarar mais largo campo de conquistas, e pensou em partir para o oriente.

Continua. A. HOGAN

## Uma revolução na India portugueza.

II

Memoria ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen-politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822. Escripção pelo general Marinho, em Lisboa a 5 de Fevereiro de 1853.

ACONTECIMENTOS CRITICOS PORQUE PASSEI DURANTE O TEMPO QUE SERVI NA INDIA PORTUGUEZA.

Continuação.

Sexto acontecimento critico. — Chega a epoca de se habilitarem os estudantes militares para fazerem exames, e como eu era lente d'artilheria, e minas da academia militar fui assistir á congregação em que elles haviam de ser habilitados.

Appareceram entre as dissertações de todos os estudantes plantas, que foram apresentadas pelo lente, tenente-coronel d'engenheiros Francisco Au-

gusto: peguei em uma e disse: isto não é dissertação. Então o mesmo Augusto, e outros lentes, como por accinte disseram-me com uma pouca rudeza, que era dissertação: estava ao meu lado esse Julião Vieira da Silva que também era lente, e que agora anda por ahí; mostrei-lhe a planta, e disse-lhe: como se chama isto? Respondeu-me sorrindo-se: *Dissertação*.

Tomci taes respostas por zombaria, e então disse a todos os lentes: *Podem estar na certeza de que nos actos os heide reprovar a todos em publico, e retirei-me.*

Os lentes d'esta academia eram todos sem excepção alguma demasiadamente mediocresnas theorias das doutrinas que professavam, e absolutamente ineptos nas praticas d'essas doutrinas: como não podiam fazer-se considerar pela sua instrucção e probidade, cuidaram em fazer-se estimar pelo conde de Rio Pardo pelo seu servilismo, e assim constituiram-se o corpo de granadeiros de mais confiança dos aldrubios d'elle, em quanto não cheirou a haver perigo, porque no dia do perigo, desappareceram como o fumo, e alguns emborracharam-se.

O tempo tem-me mostrado que os portuguezes, salvas honras excepções, não tem nenhuma especie de convicções politicas, religiosas, de probidade, de amizade, e de gratidão: para onde lhes pinta para ahí vão todos os ambiciosos: algumas vezes enganam-se com a pintura, porém elles não se pungem com este azar, porque logo que lhes apparece outra para ahí correm com o maior descauramento.

Factos successivamente repetidos provam que os portuguezes, pela sua incapacidade politica, precisam ser voluveis para não soffrerem martyrios politicos.

Ao outro dia, ás duas horas da tarde entrou em minha casa um sargento d'artilharia, chamado Leite com uma portaria do conde de Rio Pardo, e entregou-m'a. Abria-a, e li-a: ella dizia pouco mais ou menos o seguinte: «Tendo o tenente-coronel do regimento d'artilharia, Joaquim Pereira Marinho mau genio, determino que logo que receber esta passe a servir na legião de Pondá, para o que estão dadas as providencias necessarias, etc.»

Mostrei a portaria ao sargento, e depois d'elle a ler disse-lhe: «Então eu tenho mau genio para servir no regimento d'artilharia aonde sirvo ha quatro annos e meio, e onde não tenho inimigos, e não tenho mau genio para servir na legião de Pondá? Esta portaria é mui honrosa para mim, porque prova que eu sou o unico official dos que estão em Pangim, que o conde teme, e que suppõe que pode promover uma revolução contra o seu despotismo, e que todos os outros são uns senhores, incapazes de nada. Está enganado: os marchaeas são tão liberaes como eu, e tão comprometidos como eu; no dia em que elles quizerem deixa de ser vice-rei. O unico corpo do exercito de Goa em que não tenho influencia, porque ainda não servi com elle é a legião de Pondá; vou buscar-a e hade ser o primeiro corpo com que heide dar os parabens liberaes ao conde de Rio Pardo. Ainda não vi Pondá; sinto muito que o conde não tivesse tido esse mesmo medo ha dois mezes atraz, porque já ha muito tempo me tinha divertido com a sua caturrice.»

Depois disse para o sargento: *é preciso que vá buscar um escaler; respondeu-me: Já ahí está. Perguntei-lhe quem o mandou? Respondeu-me: o senhor brigadeiro Brandão.*

Espantei-me com esta promptidão e disse: *Pois o tambor já tem medo? Ainda não é tempo.* Tornei a perguntar-lhe: *que ordens tem? Respondeu: Acompanha-o a Pondá, e entregal-o ao senhor coronel Calado.*

Chamei immediatamente um familiar meu, dei-lhe a ajuda que julguei precisa, e embarquei logo como estava sem bagagem, sem familiar, ou impedido.

Continua.

#### A villa de Cintra.

A serra de Cintra é a mais bella e pittoresca montanha de toda a provincia da Estremadura. Ergue-se a cinco leguas a oesnoroste de Lisboa, con-

tando outras cinco de circunferencia, e mil e oitocentos pés na sua maior altura, e ao entrar pelo oceano dentro, forma o Cabo da Roca.

Toda erigida de penhas, coberta de bosques, e cortada de aguas, encerra muitas curiosidades e bellezas naturaes, que em todos os tempos a teem feito celebre.

Antigamente era conhecida pelos nomes de *Promontorio Magno, ou da Lua*, e é fora de duvida, que no tempo da dominação romana os povos, que habitavam n'esta serra, edificaram ahí um templo, que primeiramente quizeram dedicar ao imperador Octaviano Augusto II, e que por este o não consentir o consagraram á lua. Como chamassem a este planeta Cinthia, passou este nome do templo para a serra, e d'esta para a principal povoação, que se construiu n'aquella montanha. De Cinthia pois se derivou com pouca corrupção o nome de Cintra. Estas memorias historicas acham-se confirmadas por varios cippos, e outras pedras com inscripções, que se descobriram na mesma serra, e que se podem ver nas obras dos nossos antiquarios (\*).

Sobre a fundação da villa de Cintra não ha noticia certa. A que lhe assignam alguns autores, attribuindo-a aos turdulos ou aos gregos, não tem por base mais do que simples conjecturas. O que se sabe com certeza é que é uma povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos.

Na invasão dos povos do norte, que destruíram o imperio dos cezares, e na dos arabes, que derubou a monarchia dos godos, correu esta villa a mesma sorte da Lusitania, entrando no dominio dos vencedores. Durante a occupação mauritana foi varias vezes tomada pelos christãos e reconquistada pelos arabes. Apossou-se d'ella el-rei D. Fernando Magno, mas logo depois a perdeu. Outra vez tomada por el-rei D. Alfonso vi de Castella, voltou de novo ao poder dos moiros. O conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei, conseguiu recuperal-a; porém pouco tempo a conservou. Finalmente el-rei D. Alfonso Henriques resgatou-a inteiramente do dominio dos infieis no anno de 1147, e d'esta vez ficou para sempre christá.

Deu-lhe foral este monarcha em 1154, o qual seu filho D. Sancho I confirmou, e el-rei D. Manuel reformou em 1514.

El-rei D. Fernando fez conde de Cintra a D. Henrique Manuel de Vilhena, que na guerra civil e estrangeira, que se seguiu á morte d'este soberano, sustentou por algum tempo o castello d'aquella villa em favor da rainha D. Leonor, e contra o mestre d'Aviz.

A villa de Cintra está assentada a dois terços da altura da encosta da serra, que olha para o norte, e por conseguinte em terreno desigual. O antigo castello dos moiros, fazendo corda a um dos mais altos pincaos da serra, ergue-se a cavalleiro sobre a villa; e esta campêa sobre um valle delicioso, destructando dilatadissimas vistas.

Tem Cintra as seguintes parochias: S. Martinho, no centro da povoação, que foi fundada por el-rei D. Alfonso Henriques, destruida pelo terremoto de 1755, e depois reedificada: Santa Maria, que está situada no arrabalde, e proximo do castello, teve o mesmo fundador que a antecedente; e tambem padeceu ruina com o terremoto, a qual foi separada logo depois: S. Miguel que está igualmente fora da villa, na encosta da serra. A sua origem é a mesma das duas primeiras. Esta parochia acha-se encorporada á de Santa Maria.

A igreja e hospital da misericordia foram obra de el-rei D. Manuel. Ha na villa e sua visinhança varias ermidas, e os edificios de alguns celebres conventos. D'entre os segundos, os mais notaveis são o de Nossa Senhora da Pena, que foi de monges de S. Jeronymo, fundado por el-rei D. Manuel sobre um elevado serro, e hoje transformado por sua magestade el-rei D. Fernando em um palacio ornado de riquissimas esculpturas; e o de Santa Cruz, outr'ora habitado por frades capuchos, fundação de D. Alvaro de Castro, filho do grande visorei da India D. João de Castro. Aquelle singular em obras d'arte, antigas e modernas; e este

(\*) Resende, Antiq: Brito, Monarchia Lusit. Duarte Nunes, Descrip. de Port. etc.

ainda mais singular nas obras da natureza, porque é todo um composto de grutas naturaes.

Dos magnificos paços da villa já tratámos em outro numero d'este jornal. Das curiosidades, que se encontram nas cercanias de Cintra; das formosas quintas, que lhe povoam os arrabaldes; e dos sitios amenos e pittorescos, que por todos os lados a rodeiam, não permittem os limites d'esta publicação, que tratemos miudamente. Portanto apenas mencionaremos como principaes entre as curiosidades naturaes, além do convento dos capuchos, a gruta de Porto Covo, proxima de Penha Longa; entre as melhores quintas e palacios os da Pena, de sua magestade el-rei D. Fernando, os dos senhores marquezes de Vianna, de Pombal, e de Vallada, duques de Palmella e Cadaval, a quinta de Penha Verde, do senhor conde de Penamacor, fundada por D. João de Castro, a de Sitões do senhor marquez de Loulé, a da Regaleira, da senhora baroneza do mesmo titulo, e a de Monserrate: entre os sitios mais bellos, afora estas quintas, o bosque de Diana e o valle delicioso de Penha Longa.

O velho castello dos moiros, agora remoçado, e interiormente todo arborizado e ajardinado, como fazendo parte da cerca do real paço da Pena, é um dos mais antigos monumentos d'este genero, que possui o nosso paiz. Nada se sabe da sua origem, mas como prova de que pertenceu aos arabes mostra ainda os restos da sua mesquita. Tem uma cisterna, ou casa de banho, em bom estado de conservação, e sempre cheia d'agua.

O termo de Cintra é abundantissimo de aguas, que por todas as partes o regam e fertilizam, entretendo uma vegetação pomposa e perenne. Produz muitas e saborosissimas fructas, que fornecem a capital, e se exportam para Inglaterra, e tambem algum vinho e cereaes. Na serra cria-se bastante gado, e d'ella se extrahem muitos marmores, que veem pela maior parte para Lisboa.

Fazem-se em Cintra as seguintes feiras, que são mui corcorridas, principalmente de gente da capital, que ahí afflue atrahida pelas festas d'arrayal, que por essas occasiões se costumam celebrar: a 13 de Junho; a 29 do mesmo mez; 26 d'Agosto; primeiro domingo de Setembro. No segundo domingo de cada mez ha mercado em S. Pedro de Penaferrim.

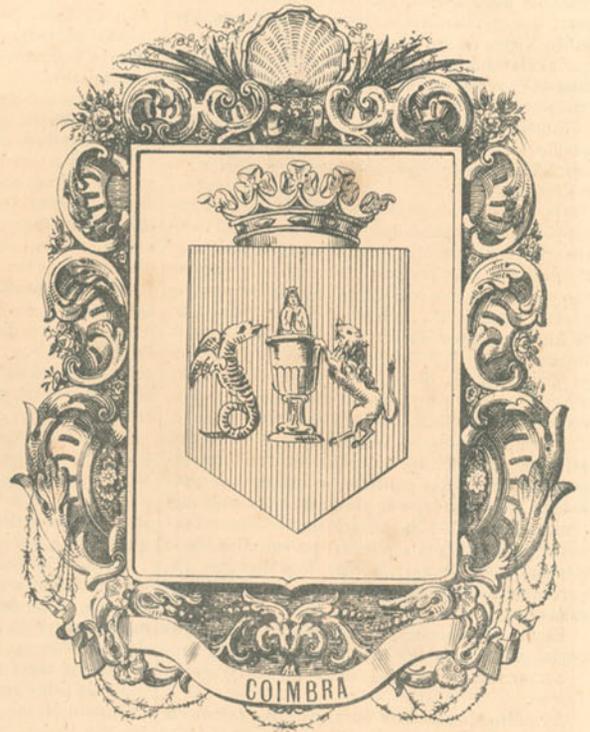
A população de Cintra e seus arrabaldes anda quasi por tres mil almas. No antigo regimen gozava da prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tomavam assento no banco sexto. Segundo alguns autores, tem por armas um castello com tres torres; porém o brasão que se acha na Torre do Tombo, d'onde se copiou o que vae junto a este artigo, é uma torre ou castello sobre uma serra, e em campo verde.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### A cidade de Coimbra.

Da *Conimbriga* dos romanos restam poucos vestigios. Esta cidade tinha o seu assento no lugar, aonde agora vemos Condeixa a Velha, duas leguas distante da actual cidade de Coimbra, e ao lado da estrada que conduz a Lisboa. Na invasão dos povos do norte, no seculo v, foi completamente destruida; e querendo depois os vencedores reedifical-a, resolveram mudar-lhe o assento para junto do Mondego. Tal é a origem, ao que parece, da moderna Coimbra, a quem dão por fundador Ataces, rei dos alanos.

O brasão d'armas, de que ainda usa esta cidade, dizem lhe fora dado por aquelle soberano em commemoração do seguinte caso. Achando-se Ataces occupado na edificação da sua nova cidade de Coimbra, veiu fazer-lhe guerra Ermenerico, rei dos suevos, á frente de um numero exercito. Não esperou Ataces a chegada do inimigo: apenas lhe constou a sua vinda, saiu-lhe ao encontro, deu-lhe batalha, e venceu-o. Ermenerico para salvar-se a si e ás reliquias do seu exercito, pediu paz, e offereceu ao vencedor para alcançar a mão de sua filha, a princeza Gindasunda, cuja belleza era mui fallada e celebrada. Ataces accitou a proposta, e passado pouco tempo effectuou-se o consorcio. No seu contentamento por este successo, que lhe deu uma noiva tanto do



Ruinas do amphitheatro d'Italica



Cidade de Coimbra

seu agrado, determinou commemoral-o no brasão de armas de Coimbra, que ordenou do seguinte modo. No meio a imagem da princeza Cindasunda, coroada como rainha, com as mãos postas e olhos voltados para o ceo como medianeira da paz, que implora de Deus, e saindo de uma taça ou calix de ouro, que significa o sacramento do matrimonio, que confirmou a aliança e amizade entre os dois monarchas pouco antes inimigos, e personalizados no brasão, Ataces, na figura de um leão rompente de ouro, que era a sua divisa, e Ermenerico na de uma serpe ou dragão verde, que trazia por emblema pintado nas suas bandeiras, e tudo em campo vermelho.

No seculo VIII curvou-se Coimbra, como as mais terras da Lusitania, ao jugo dos musulmanos. Na grande lucta que não tardou a romper entre os christãos e os conquistadores, ora se viu resgatada, ora presa outra vez dos infieis, até que no anno de 1064 D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a arrancou para sempre do poder dos moiros, no fim de um cerco de sete mezes.

A mesquita principal da cidade foi logo purificada, e convertida em templo dedicado a Nossa Senhora, e conta-se que n'elle o mesmo rei D. Fernando Magno armara cavalleiro com toda a solemnidade ao celebre Cid Rui Dias. D. Fernando reparou os muros da cidade; povoou-a de christãos; guarneceu-a de soldados veteranos, e deixou-lhe por governador o conde D. Sisaando, que se fez notavel pelo seu bom governo, e por varias obras que emprehendeu para melhoramento da cidade.

Reinando em Castella e Leão D. Afonso VI, neto d'este rei D. Fernando, e dando sua filha D. Tareja em casamento ao conde D. Henrique, com o condado de Portugal por dote, entrou este principe na posse de Coimbra, e d'ella fez a sua corte alternadamente com Braga e Guimarães. Confirmando-lhe o foral dado por seu sogro, accrescentou-lhe novos privilegios.

Seu filho D. Afonso Henriques, depois de aclamado rei, estabeleceu em Coimbra a sua residencia habitual; e assim ficou sendo esta cidade corte unica de Portugal durante os primeiros quatro reinados. D. Afonso III repartiu com Lisboa esta regalia, que as duas cidades gosaram por seu turno até ao principio do reinado de D. João I, em que os povos requereram a este monarcha, nas cortes então reunidas em Coimbra, que mudasse a sua residencia para Lisboa por varias razões, que apresentaram. Não deixaram todavia os successores do mestre d'Aviz de ir gosar de vez em quando da encantadora vista das margens do Mondego.

Nestes tempos tinha Coimbra voto em cortes, com assento no banco primeiro; e aqui as celebraram D. Afonso Henriques em 1180, em que seu filho D. Sancho foi jurado successor da coroa; D. Sancho I em 1213 para o reconhecimento de seu filho D. Afonso, e para a feitura de leis; D. Afonso III em 1261, para ser jurado rei; D. João I em 1385 nas quaes lhe foi dado o throno de Portugal, e aclamado e jurado rei pelo pedir a salvação da causa publica, apesar da sua bastardia, e dos direitos de seus irmãos, os filhos da infeliz D. Ignez de Castro, então presos em Castella; e finalmente D. Afonso V, no anno de 1472. No fim do reinado de D. Sancho II teve logar aquella famosa defesa do castello de Coimbra, de que já fallamos em um dos numeros passados.

D'est'arte foi a cidade de Coimbra theatro de importantes acontecimentos politicos, assim como tambem o foi de lamentaveis scenas tragicas. Duas mulheres, ambas formosas d'alma e de corpo, e para sua desgraça elevadas ambas por amor a uma alta posição, ali padeceram morte violenta, e a todos os respeito immerecida! D. Ignez de Castro e D. Maria Telles são os nomes d'essas illustres e tristes victimas da politica e do ciúme. A primeira foi mandada assassinar por el-rei D. Afonso IV, a fim de não servir de estorvo a um projectado enlace do infante D. Pedro, seu filho, e successor, com uma infanta de Castella. A segunda foi apunhalada por seu esposo, o infante D. João, filho de D. Pedro, e da desditosa D. Ignez de Castro, a quem a perdidã rainha D. Leonor Telles, forjando embustes, armara o braço contra a sua propria irmã, para depois perseguir o assassino, e d'este modo desviar da successão do throno um

principe, que as leis do reino antepunham a D. Beatriz, unica filha d'el-rei D. Fernando e da dita rainha D. Leonor Telles, a qual n'essa occasião já estava casada com D. João I, rei de Castella, e por esta circumstancia inhibida de succeder na coroa de D. Afonso Henriques.

Duas vezes foi Coimbra cabeça de ducado; a primeira em favor do infante D. Pedro, filho segundo de D. João I; e a segunda em favor de D. Jorge, filho legitimado d'el-rei D. João II.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### A expulsão dos hollandezes do Brazil (1615—1654).

I

Continuação.

*Ação das Tabocas — Perda do inimigo — Resultados — Soccorro da Bahia — Vidal e Moreno — Perda dos navios — Rendição de Serinhaem e da Nazareth — Blaar e Hoogstraten — Wanderley — Successos na Parahiba, Porto Caleo e o Penedo — Ataque de Iamaracá — Revez — Arayal Novo do Bom Jesus — Manifesto — Apuros entre os sitiados e siliantes — Attentado contra F. Vieira — Francisco Barreto — Notícia de soccorros aos hollandezes.*

O total da força hollandeza não passava de oitocentos homens. — A nossa era pouco maior; mas indisciplinada em geral, além de mal vestida e peor armada; pelo que não poderia de modo algum prescindir da posição, e de conservar-se em pura defensiva. Escusado é dizer que o armamento e trajes da milicia n'esta longinqua colonia apenas se diferenciavam do que por esse tempo ostentaram os puritanos do tempo de Cromwell e os soldados de Luiz XIV. — Os chapéos desabados com plumas, as couras d'anta, os calções largos e soltos, e não já golpeados e de roca, como no seculo anterior, eram entretanto no Monte das Tabocas levados mais regularmente pelos hollandezes: na Bahia os levariam tambem os terços brasileiros; porém, entre os insurreccionados pernambucanos, muitos havia não só sem uniforme, mas até descalços, — e tendo por unica arma um zagucho, ou uma faca bem atada no extremo de qualquer pau ou cacete.

Eleva-se o Monte das Tabocas junto do rio Tapacurá, mediando apenas uma pequena campina como esplanada descoberta. A raiz do monte e o espaço até a campina eram guardados por um espesso tabocal, que a logares se prolongava até o cume, á maneira das couraças dos antigos castellos moiriscos. Foi no tabocal que Cardoso poz toda a confiança, dispondo ali tres ciladas ou embuscadas, nas quaes caindo o inimigo, tanta força moral perderia, e tanta por isso mesmo ganharia os pernambucanos, que não seria duvidoso o resultado da acção. — Assim que, pela volta de meio dia, deram as avançadas signal, dispoz que uma pequena força hostilizasse o inimigo na passagem do rio, sem comtudo lh'a impedir; e que depois retirando-se pela campina ou esplanada o fosse trazendo ás ciladas. — Assim se executou. Enfatuados com a nossa retirada os hollandezes lançaram-se confiadamente pelo tabocal, e só se retiraram, ao verem-se involvidos; por isso que as ciladas podiam entre si comunicar-se, e proteger-se mutuamente. Refazendo-se e formando-se de novo na campina, deram contra o mesmo tabocal algumas descargas cegas, e logo tornaram a accommettel-lo; porém com equal resultado. Tentaram então variar de plano, atacando de outro modo. E, organisando-se em duas columnas sobre os dois flancos oppostos, iam conseguindo mais alguma vantagem; porém empenhando então Cardoso na acção, á arma branca, toda a gente de retém que havia deixado no alto com os ecclesiasticos e o chefe Fernandes Vieira, obrigou os atacantes a desistirem do seu empenho, quando já caia a noite. A nossa perda constou de alguns mortos e trinta e tantos feri-

dos (1). Os vencidos aproveitaram-se da escuridão para effectuar a retirada, e só foram descansar em S. Lourenço, d'onde seguiram para a Varzea do Recife. — D'este primeiro combate resultou em favor dos sublevados, não só o cobro de muita força moral, como muito armamento e munições de que estavam necessitados, e que encontraram pelo campo.

Entretanto se aproximavam não só o grosso das forças de Henrique Dias e do Camarão, que não tardaram em effectuar sua junção com as de Fernandes Vieira, como, por mar, em oito pequenas embarcações, dois terços ou regimentos regulares ás ordens de André Vidal, já feito mestre de campo, e do seu immediato, tambem mestre de campo, Martim Soares Moreno, — o fundador da capitania do Ceará. Estes ultimos desembarcaram todos em Tamarandé, e Salvador Corréa, que até ahí estava boiara, seguiu para a Europa, depois de refrescar no Recife.

Claro está que os dois terços, ás ordens de Vidal, vinham em soccorro dos sublevados, em cumprimento das promessas por elle dadas aos pernambucanos; e de nada nos serviria repetir aqui os protestos (2) simulados então feitos aos hollandezes, e por elles não cridos, de que vinham mandados para obrigar aos de Fernandes Vieira a se entregarem. E tanto não o acreditaram que, sabendo como os dois terços eram já desembarcados, e não tendo forças para os atacar, resolveram tomar vingança mandando a Lichthardt apoderar-se em Tamarandé dos transportes que ainda ahí estavam fundeados, sob o mando de Jeronymo Serrão de Paiva; o que o mesmo Lichthardt facilmente conseguiu acutilando o chefe portuguez, e mandando-o prisioneiro á Hollanda.

Não foi tão grande, como se podera julgar, o prejuizo que resultou da perda d'esses navios. Com essa hostilidade manifesta, encontrou Vidal pretextos para, perante os proprios hollandezes, justificar a sua deserção para o bando dos *facciosos* de Fernandes Vieira; e tambem a corte teve mais que sufficientes pretextos para se dar por agredida, e para poder intervir abertamente em favor da sublevação de Pernambuco, como effectivamente executou, maxime de 1647 em diante (3).

Ao desembarcarem os dois terços da Bahia em Tamarandé, levantaram-se contra os hollandezes os povos em Serinhaem e no Cabo; e as guarnições estrangeiras se encerraram nas respectivas fortalezas, ao passo que as forças de Blaar batidas nas Tabocas permaneciam na Varzea do Recife. Effectuada pois a junção de todas as forças, e deixando agora de parte os dialogos de comedia que os escriptores contemporaneos, e alguns modernos tambem, puzeram em bocca principalmente de Vidal e de Fernandes Vieira, desde logo se combinou o modo como havia que proceder ao ataque d'estes tres pontos occupados. — Vidal com Vieira e Henrique Dias, encarregaram-se de marchar sobre o Recife; e Martim Soares ficou auxiliando os levantados de Serinhaem e do Cabo, para obrigar as respectivas guarnições a renderem-se.

Não tardou a entregar-se a de Serinhaem, com setenta e duas praças, além de uns quarenta e nove indios, que pagaram cruelmente com a vida o apoio que haviam prestado ao inimigo, que d'elles não curou ao capitular.

Vidal seguiu a marchas forçadas pela marinha, e vadeando o Capiberibe se apresentou aos de Blaar, na Varzea do Recife, sem que elles o esperassem.

(1) Port. Rest. 32 feridos e 8 mortos; Castr. Lus. 37 feridos e 28 mortos.

(2) «André Vidal que era prudente, e sabia usar das occasiões com prevenção dos futuros, procurava com toda a destreza que el-rei tivesse o interesse, e a culpa fosse dos conjurados.» Conde da Ericeria, Port. Rest.

(3) As intenções da corte secretamente hostis aos hollandezes se descobrem não só pelas nomeações de cargos que se foram seguindo, como pelo proceder dos governadores da Bahia pela mesma corte nomeados. Vê-se tambem de muitos documentos e extractos de cartas que se publicaram em 1646 e 1647 em dois folhetos em hollandez: um com o titulo «Extract ende Copie van verscheyde Brieven en Schriften... tot bewys dat de Kroon van Portugaal schuldich is etc.»; e outro com o de «Gaar Vertooch vande Verradersche en Vyantlycke Acten en Proceduren van Portugal» etc. — Além da descoberta e confissão que depois d'isso fez a el-rei D. Pedro II, o proprio Fernandes Vieira.

Vendo a superioridade das nossas forças se recolheram ás casas do engenho; porem recessos do incendio ou da explosão da mesma casa, capitularam, entregando-se prisioneiros os chefes, e não exigindo condição alguma em favor dos seus indios, que tiveram a sorte dos de Serinhaem; sendo mui para notar-se o rancor com que se apresentaram os restauradores contra os indios que estavam ao serviço hollandez. Cabe-nos tambem infelizmente ter que declarar que o chefe João Blaar, quando era conduzido preso para a Bahia, entregue ás autoridades e paisanos de logar em logar, foi assassinado. — Sirva-nos a vergonha com que hoje aprendemos este facto, de lição para, em caso identico, respeitarmos melhor o direito das gentes.

A fortaleza da Nazareth, no Cabo de Santo Agostinho, resistia entretanto a Martim Soares, que cada dia lhe apertava mais o sitio. — Derrotadas as forças de Blaar na Varzea, marchou ali Vidal; e com este augmento de forças, e acaso com a noticia da anterior victoria, mais do que como se pode bem crer, em virtude das promessas que havia feito na Bahia ao governador o seu commandante Hoogstraten, conseguiu que este se entregasse com toda a guarnição, capitulando com as honras da guerra e o respeito da propriedade, inclusivamente dos postos para os que passassem ás nossas fileiras, e dos soldados atrazados a todos. Por ultimo se pactou que passariam a Portugal os queahi preferissem servir para não irem contra os seus, e aos paiszes de cada um os que rejeitassem ficar no Brazil. — Negociou pelos hollandezes esta capitulação o capitão de cavallos Gaspar Wanderley, que entrou ao nosso serviço, e seguiu depois a sua carreira na Bahia, como outros que se entregaram. Nem ha que fazer reparo acerca d'estas passagens subitas para o exercito pouco antes inimigo, em corpos francos, onde cada official, mais que pela patria, combatia pelo amor da proflissão das armas. Nem a companhia hollandeza sustentava Pernambuco por amor da gloria; mas só de seus interesses.

A insurreição já lavrava por todos os territorios vizinhos. A Parahiba, protegida por alguns bravos que em seu auxilio mandara André Vidal, sacudia o jugo, e os levantados se fortificaram no arraval chamado, talvez em honra de Vidal, de Santo André. Em Porto Calvo se effectuava egual pronunciamto sob a direcção do alcaide-mór Christovão Linz, senhor do engenho de Buenos Ayres (ainda actualmente conhecido com este nome, sobre o Camaragibe) e neto de um alemão do mesmo nome, dos primeiros povoadores da Parahiba; e a guarnição hollandeza de mais de cento e cincoenta praças se entregava com analogas condições á da Nazareth. O capitão Nicolau Aranha Pacheco, tendo partido do Rio Real com tres companhias, rendia sobre o rio de S. Francisco o forte do Penedo, chamado ainda então *Mauricio* em honra do seu fundador, e defendido por dez canhões e duzentas e sessenta e seis praças de guarnição.

Infelizmente porém este ultimo posto importante, ainda então em grande parte dependente do soccorro do mar, não poderia sustentar-se, e foi necessario evacual-o, e voltou ao poder dos hollandezes. E' sabido como o Rio de S. Francisco, a certa distancia acima do Penedo, deixa de ser navegavel pelo espaço de mais de cem leguas, por correr entre sitios pedregosos, com *itaipacas* e despenhadeiros, entre os quaes se distinguem as enormes caxoeiras do Jacaré, Paulo Affonso, Boa Vista e Sobrado; acima da qual o mesmo rio offerece varios centenares de leguas de aguas navegaveis até para grandes barcos de vapor.

Tambem se assenhorearam os nossos de Olinda, e se entregou por capitulação o forte de Santa Cruz, situado na peninsula ou cabedelo vizinho. Com a entrega d'este forte occorreu a idéa de tentar-se o assalto do Recife; porem sendo a empresa ardua, e julgando-se que sem a ilha de Itamaracá, menos difficil de occupar-se, não se poderia o Recife sustentar, foi resolvida uma jornada á mesma ilha.

A ilha de Itamaracá era então o unico territorio de mais alguma extensão não incommodado pelos nossos. — Quizeram tomar parte na empresa de atacar os principaes chefes; pelo que, confiando a Henrique Dias a linha de sitio, partiram para Igarapé com oitocentos homens. Apenas to-

das as alvarengas, canoas e jangadas, effectuou-se, durante a noite de 14 de Setembro, a passagem do canal, e foi tomado um patacho hollandez de quatro peças, que ahi estava surto. Teve logar o desembarque um pouco ao norte na ilha, marchando as tropas a travez d'esta, de modo que ao amanhecer se encontraram de frente da villa da Conceição, ao sul da mesma ilha. Retiraram-se os hollandezes para o forte de Orange sobre o mar, e ahi esperaram o ataque. Avançaram parte dos nossos a peito descoberto contra a artilharia do forte, em quanto outros se espalhavam pela povoação saqueando-a. Obrigados a retirar os primeiros, caíram os hollandezes acutilando de modo que nos causaram a perda de uns setenta mortos e egual numero de feridos, entrando n'este numero o Camarão, e livrando-se André Vidal pela fortuna de ver embaçar-se nos fectos da pistola uma bala que o procurara.

Com tão triste revez regressavam os nossos á linha de sitio do Recife ou Mauricia; e encontrando-se debilitados em força moral, e recessos de que o inimigo tomasse com vantagem a offensiva, resolveram fortificar á retaguarda uma posição onde podessem oppor-lhe nova resistencia. Preferiu-se uma eminencia que dominava a Varzea, e para n'ella recordar passadas glorias, se lhe deu o nome de *Arraval novo do Bom Jesus*. No dia 1.º de Janeiro de 1646 salvavam já ahi as oito peças montadas em bateria. Pouco depois encontramos d'ahi datados os principaes documentos que possuímos acerca da sublevação, sendo entre elles mais importante um manifesto dirigido a el-rei, em que assignavam contra os seus proprios compatriotas os officiaes hollandezes passados ás nossas fileiras. — Ao mesmo tempo se reparavam as fortificações do Cabo, do Pontal e de Tamandaré.

Entretanto não deixava de apertar-se o sitio do Recife ou praça Mauricia (\*). Impossivel nos fóra individuar aqui os successos que ahi tiveram logar. Os tiroteios dos postos avançados, os ataques parciaes, as arrancadas ou sortidas, os soccorros entrados ou frustrados — tudo são episodios conhecidos onde ha sitiantes e cercados. Estes se viam cada dia mais apurados pela falta de mantimentos e de numerario. A esta ultima penuria se acudia canhando moedas obsidionaes de ouro do valor de tres, seis e doze florins; das quaes, com os annos de 1645 e 1646, se guardam exemplares nos gabinetes numismaticos, inclusivamente no do Instituto historico e geographico do Rio de Janeiro. Chegou até a haver um pequeno motim movido pelos judeus queixosos de que a autoridade lhes tomara á força o mantimento com que esperavam fazer grandes cabedades. Entre os sitiantes tambem não reinou muita ordem, pois por duas occasiões foi esta perturbada. Uma vez teve isso logar pela deserção de duas companhias dos estrangeiros entregues nas praças rendidas, e que haviam ficado a nosso serviço; esta deserção se remediou com mandar para a Bahia todas as tropas estrangeiras. Com ellas se retirou tambem o velho Martim Soares, accommettido de varios achaques para poder supportar uma guerra tão ardua. A outra vez podia trazer acaso ainda peiores consequencias. Intentou-se aleivosamente contra a vida de Fernandes Vieira, que chegou a ser ferido em um hombro; e querem alguns que fossem n'isso complicados, senão cabeças, os seus rivaes, que não se atrevendo a apresentar-se em pessoa, trataram covardemente de endossar o crime e o perigo d'elle a braços innocentes e alheios ás suas paixões. Felizmente André Vidal foi alheio a taes planos, e antes sendo, desde que se apresentou, o verdadeiro chefe, deixava que Fernandes Vieira apparecesse como tal. E o certo é que quaesquer trans-tornos em momentos tão criticos podiam até fazer variar a sorte da guerra. Por isso tratava André Vidal sempre de apaziguar as rivalidades, persuadindo a todos como o soffrimento é o segundo valor dos homens, e como muitas vezes se conquista com a paciencia e a resignação o que de todo se perderia com um vivo accommettimento. Praz-

(\*) No Cast. Lus. se lê sempre Mauricia; e no Portugal Restaurado até se accentua «Mauricia». Consta porém com toda a autenticidade que se dizia n'aquelle tempo Mauricia.

nos ao menos acreditar que nenhum patricio respeitavel tomou parte no attentado, e que elle foi obra de certa gente que sempre damna as causas a que se associa.

Foi a nosso ver para evitar estas rivalidades que a corte se resolveu a nomear, como nomeou, para Pernambuco um chefe superior, na pessoa de Francisco Barreto de Menezes, mestre de campo general, ou segundo a denominação de hoje (1) tenente general.

Era Barreto mui conhecedor das guerras do Brazil, onde passara em 1638 com o conde da Torre, seguindo a Luiz Barbalho na sua quasi milagrosa retirada pelos sertões, e achando-se no Rio Real para se oppor ao primeiro intento dos hollandezes de construir ahi fortaleza, e ultimamente havia por sua bravura e distincção alcançado varios postos no Alemtejo, combatendo contra as tropas castelhanas. Embarcou-se Francisco Barreto quasi secretamente com o seu immediato Filippe Bandeira de Mello, e quando iam ambos desembarcar perto de Pernambuco, caui am prisioneiros dos hollandezes e foram conduzidos ao Recife.

Entre os sitiantes abundavam os mantimentos, para o que eram frequentes as correrias para o norte e sul. Diferente sorte era a dos sitiados: os mantimentos, que a principio tiravam de Itamaracá e depois de Tujucupapo se iam acabando, e a guarnição já contava os dias, para não dizer as horas, dentro dos quaes teria que render-se...

Mas uma noticia consoladora vem animal-a, e o fogo que se ia de todo apagando se ateou de novo com o sopro da esperanza! — No dia 23 de Junho (1646) chegaram da Hollanda dois pequenos barcos *Isabel e Falcão*, com a certeza de que um formidavel soccorro se apparelhava, e que ahi estaria dentro de um mez! — Fora noticia grandemente festejada, e de noite se illuminou toda a praça, ao mesmo tempo que no nosso acampamento ardiavam as fogueiras, celebrando a vespera de S. João, inseparavel d'ellas, principalmente quando era o santo do chefe ostensivo do acampamento. A nova trazida pelos dois barcos hollandezes foi considerada de tanta importancia, que para a perpetuar se cunhou depois uma medalha, cuja inscripção hollandeza (2) significava: «O Recife foi salvo pelo Falcão e Isabel.»

Continua.

#### Ruínas de Italica.

*Santius Italica* foi uma antiga cidade de Hespanha, situada na margem direita do Guadalquivir, a uma legua de distancia de Sevilha. Não ha noticia sobre a sua primeira fundação, só se sabe que foi reedificada, no tempo dos romanos, por Sci-pião Africano, e no dos godos por Leovigildo.

Foi municipio e colonia romana, e serviu de berço aos imperadores Trajano, Adriano, e Theodosio, bem como ao celebre poeta Sílio Italico. Pois de todas essas glorias e grandezas não restam mais vestigios do que as ruinas informes do seu amphitheatro, e algumas lapidas com inscripções, descobertas em diferentes epocas.

No sitio, onde floreceu a cidade de Italica, que se ufanava da sua remota origem, e de tantas memorias illustres, ergue-se agora a pequena villa de *Santiponce*, cujos moradores não passam de setecentos.

Occupando a moderna povoação muito mais pequeno ambito do que a antiga, as reliquias do amphitheatro ficam fora da villa, mas perto d'ella.

No seculo passado achou-se em uma excavação, que ahi se fez para os alicerces de uma casa, um bello mosaico, representando corrijdas de carros, e o interior de um circo. Este objecto, tão estimavel pelo lado artistico, quanto interessante ao conhecimento dos usos e costumes da antiguidade, encerrava ainda além d'isto um grande interesse historico. Uma inscripção, que se encontrou junto d'elle, mostra evidentemente, que este mosaico ornava um edificio, que pertencera á familia do

(1) Decr. de 5 Abril 1762. Os marechales de campo se chamavam então sargentos-móres de batalha. Reg. R. V. 258.

(2) *Door de Valk in Elisabeth is het Reef ontzet. Netscher, p. 206.*

imperador Trajano. Infelizmente esta preciosa antigualha está de todo, ou quasi totalmente desfeita pelas injurias do tempo, e pelo abandono dos homens.

I. DE VILHENA BARBOSA.

**Alva Estrella.**

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA IX.

D. BRITALDO, D. MENDO.

D. MENDO — Perdão, senhor, sim. O que eu aqui vim buscar merece a morte, e merece peor... Que quereis?... Foi um momento de delirio!... Bertha vos pedi, e por Bertha aqui entrei... O como eu buscava alcançal-a, não queraes que vol-o diga... Se enlouquecera!... Nem eu sei... Era um pensamento, uma esperança que ainda não tinha amadurecida... Não reflecti... Entrei. Entrar era o que eu queria... Ali passei toda a noite, n'aquella galeria deserta... e, juro-vol-o eu, senhor, juro-o por alma de meus paes... Quando aqui me encontrastes, mal tinha tido tempo de transpor os humbraes d'aquella porta.

D. BRITALDO — Qual era então essa esperança?

D. MENDO — Perdoae-me, conde...

D. BRITALDO — Agora vejo... Querieis que viessem achar-vos ao pé dos aposentos de Bertha... para que se publicassem os vossos amores com ella... e eu fosse obrigado a dar-vol-a... Isso não faz um cavalleiro, D. Mendo.

D. MENDO — Ai! Sei-o, senhor.

D. BRITALDO — Ignoraes acaso que Bertha é filha da minha piedade, e que não pode ser vossa?... D. MENDO — Só por mulher a quero!

D. BRITALDO — Não sabeis que é orphã de um burguez?

D. MENDO — Tenho nobreza de mais para ambos.

D. BRITALDO — E não pensastes...

D. MENDO — Não pensei em nada... Não me lembrei de vossa filha, não sabia se eram tambem estes os seus aposentos... Só estive aqui um momento.

D. BRITALDO — E esse momento foi bastante para accusar minha filha diante de todos os d'esta casa... Bertha não estava aqui... não se fallava de Bertha... E sabeis o que amanhã dirá toda Coimbra?... A filha de D. Britaldo foi achada a deshoras da noite, só, com o devasso D. Mendo... Aquella austera virtude, que engeitou sempre os mais altos condes, e senhores, e potestades, foi encontrada em praticas nocturnas com o mais perdido dos cavalleiros godos!... Hãode dizer isto elles!... Parece-me ouvil-os... E eu heide-me sumir para... *(recuando como horrorizado para o lado da janella, e vendo a escada de corda)* Tu mentiste, D. Mendo... não passaste a noite na galeria... aqui está o logar por onde entraste... eis-aqui uma escada.

D. MENDO — Essa escada, senhor...

D. BRITALDO *(severo)* — Podes desculpar-te, cavalleiro?

D. MENDO *(depois de hesitar)* — Não posso, senhor!

D. BRITALDO — Ah! Mendo, Mendo, que esta vergonha que me accendeste nas faces é como um reflexo de sangue!... Eu bem queria, meu Deus, eu bem queria acabar com estes horrores. Mas elles não querem! — Ah! veem os teus juizes, D. Mendo. Retira-te para ali. O que elles decidirem... Sabes que estás em meu poder.

D. MENDO — Estou... nem buscarei fugir-lhe... Com isso vos provarei que a deslealdade não entrou em minha alma.

*(Sae. Da outra galeria entram os de Riba-Coa. Caminham lentamente com severa gravidade. Vão collocar-se em silencio diante dos escabellos, que os respectivos escudeiros lhes chegam em semi-circulo em torno da cadeira de espaldas. Atraz de cada um o competente pagem, que lhe traz a espada. Quando chegam aos seus logares tomam as espadas, e ficam*

*de pé encostados a ellas como estatuas. D. Britaldo vae abrir as portas do oratorio, e vem do mesmo modo collocar-se diante da sua cadeira).*

SCENA X.

D. BRITALDO, D. EGAS, D. GIRAL, CASTINALDO, PARENTES.

D. BRITALDO — Sabeis, senhores, porque motivo assim vos convido a familiar concilio?

D. EGAS — Já Castinaldo nol-o explicou.

D. BRITALDO — Em nome d'aquelle Deus crucificado... que morreu, perdoando... fallae.— Conheceis o crime e os criminosos. Aconselhae-me o castigo. *(sentam-se)*.

D. EGAS *(erguendo-se)* — E' ás almas fortes, que Deus envia as mais rudes provações, D. Britaldo, conde. O que é grande perante os homens, deve sel-o tambem para comsigo. *(senta-se)* Que falle agora Castinaldo: é seu jus.

CASTINALDO *(erguendo-se)* — Direi pouco, senhor pae. Que poderia eu acrescentar ás vossas autorizadas palavras, dom abade? Contarei sómente que no anno de 992, um de nossos avós, Troyctozendo Anures, achando em seus paços de Toledo a unica irmã que tinha em amorosos requebros, matou de sua propria mão o criminoso e a culpada. Seu pae, e todos os seus, honraram-no por esta acção... *(senta-se)*.

D. EGAS — No anno de 1027 uma donzella d'essa casa de Riba-Dão, que odiamos todos, mas que é nobre em tudo — uma donzella d'essa casa faltou ao dever do seu nome: compareceu ante o concilio dos parentes, e todos á uma...

D. BRITALDO — Bem o sei... Pediram todos a sua morte.

D. EGAS — E foi morta... Queres que te recorde outros exemplos?

D. BRITALDO — Basta... não prosigas... E' a morte que pedes?

D. EGAS — Pergunto se a familia de Riba-Cóa será a só que tolere semelhante volta?

D. BRITALDO — Até vós... um ministro de paz!

D. EGAS — A egreja sabe ás vezes perdoar... Mas sabe tambem ter animo quando é preciso punir. *(senta-se)*.

D. GIRAL *(erguendo-se)* — Troyctozendo Anures, senhores, teve desculpa matando sua irmã no primeiro impeto de colera. Os de Riba-Dão fizeram bem em condemnar aquella impura, que teria maculado o mais deshonrado nome. Será porém crueldade digna de saibões vis confundir no mesmo castigo o crime, e o erro, a que hoje soffre a primeira mancha, ou a que se manchou em toda a vida! Aquelle que se esquece de que ao ferir a filha golpeia o coração de pae, pratica uma virtude de feras.

CASTINALDO — Defende-a!...

D. BRITALDO *(ancioso)* — Que falle... deixae-o fallar.

D. GIRAL — Apesar d'esses exemplos, senhores, ha outros mais benignos e razoaveis... Quantas d'essas donzellas viram apagar-se-lhes a culpa n'um casamento?... D. Mendo é tão nobre como nós... Atrave-te a perdoar, pae, e todos os corações paternos te abençoarão; atrave-te a perdoar, conde, e todas as mãos generosas te applaudirão.

D. BRITALDO *(tomando-o nos braços)* — D. Giral, D. Giral, bem hajas!... Bem hajas tu, meu irmão d'armas!

D. EGAS — A tua alegria nos impõe silencio... Absolveste tua filha.

D. BRITALDO — E tu, Castinaldo, ainda fallas de castigar?

CASTINALDO — Não, senhor: felicito D. Giral por ter assim achado o caminho do vosso coração... Irei, se o mandardes, annunciar ao vil o premio do seu arrojo...

D. BRITALDO — Deus te livre, Castinaldo, de nunca ter um filho, que te seja tão severo.

CASTINALDO — Irei até dizer a minha irmã, que o que fez está bem feito.

D. BRITALDO *(autorizado)* — Não: mas podes ir espalhar por toda a cidade, que o senhor de Riba-Cóa, ao cabo de sessenta e cinco annos de batalhas, não teve animo de matar sua filha... Ficarei só, senhores. — D. Egas, D. Giral, levae-me D. Mendo para a capella. Preparae tudo. Enviar-

vos-hei dentro em pouco a noiva. Seja como fór, quando o sol se erguer hade achal-os casados... para que não veja uma vergonha.

D. EGAS — Mas a egreja...

D. BRITALDO — Seja como fór, disse. Quero-o eu.

D. EGAS — Basta. *(saem todos)*.

Continua.

**Eu e tu.**

Tu és como a borboleta,  
Que adeja p'ra se queimar;  
Eu sou como a chamma ardente  
Onde te queres abrasar.

Tu és a aragem fagueira  
Brincando na meiga flor:  
Eu, a flor que verga a frente,  
Aos teus carinhos d'amor.

Tu és a lua formosa  
Isolada em lindos ceos:  
Eu o mar que te namora,  
Que retrata encantos teus.

Tu és a imagem mais bella  
De quantas bellas eu vi:  
Eu a sombra que te segue,  
Que não sae de ao pé de ti.

ALFREDO HOGAN.

Continua a relação dos professores a quem é remetida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DO PORTO.

*Concelho de Paredes.*

III.ªs Srs.

Sobreira — Candido Barbosa da Silva.

*Dito de Penafel.*

Paço de Sousa — Francisco Machado de Miranda.

*Dito de Santo Thyrsó.*

S. Mamede de Coronado — Antonio de Sousa e Silva.

*Dito de Villa do Conde.*

Fajozes — José Gonçalves d'Azevedo

DISTRICTO DE VILLA REAL.

*Concelho de Ribeira de Pena.*

Ribeira de Pena — Victorino Joaquim Dias.

*Dito d'Alijó.*

Favaíes — José Climaco da Veiga.

*Dito de Chaves.*

Ervededo — Rodrigo Gonçalves Barroso.

*Dito de Mondim de Basto.*

Ermello — José Bernardino da Fonseca.

*Dito de Murça.*

Candedo — José Victorino de Sousa.

*Dito do Peso da Regoa.*

Fontellas — Joaquim de Seixas Vaz Osorio.

*Dito de Sabrosa.*

Torre de Pinhão — João Fernandes Longo.

*Dito de Val Passos.*

Villarandello — João Teixeira Martins Ferro.

*Dito de Villa Pouca d'Aguiar.*

Abbaças — Antonio José d'Araujo Villela.

*Dito de Villa Real.*

Carrazedo — José Nunes d'Azevedo.

Lordello — João Maria Rebello Pereira da Silva.

Guiães — Francisco Maximo de Sousa.

Mondrões — Francisco Antonio Lopes Roseira.

Nogueira — Antonio Luiz Ribeiro.

DISTRICTO DE VIANNA DO CASTELLO.

*Concelho d'Arcos de Valle de Vez.*

Padreiro — Antonio José Freire d'Andrade.

*Dito de Coura.*

Rubiães — Manuel da Cunha Lima.

*Dito de Monsão.*

S. Pedro de Merufe — Manuel Joaquim Pires.

*Dito de Ponte da Barca.*

Lavradas — Manuel Joaquim de Sá.

*Dito de Villa Nova da Cerveira.*

Sapardos — José Joaquim Martins Lara.

Continua.